

METEORIZAÇÕES: AGROPOESIA DE LIBERTAÇÃO DE AMÍLCAR CABRAL

Recebido: 23 de Abril de 2023 / Aprovado: 15 de Setembro de 2023

https://doi.org/10.14195/2182-844X_9_14

Filipa César

Artista e Cineasta

Resumo

Este artigo faz uma leitura da pouco estudada ciência do solo de Amílcar Cabral como indissociável do seu projeto de luta de libertação contra o colonialismo português na Guiné-Bissau e em Cabo Verde. O seu trabalho como agrónomo foi fundamental para a sua argumentação teórica que denunciou as injustiças perpetradas em terras colonizadas e para obter conhecimento materialista e situado sobre as condições de vida das pessoas sob o jugo colonial. Cabral tirou partido da sua posição como agrónomo ao serviço do governo colonial de forma subversiva para promover a luta anticolonial. Defendo que os resultados do trabalho agronómico de Cabral – a sua atenção ao solo e aos inerentes processos e transformações – não apenas informaram a organização da luta de libertação, mas foram determinantes para o processo de descolonização, que incluía o cinema militante e a disseminação do crioulo como formas de propagação do projeto de recuperação e re- construção nacional da pós-colónia.

Palavras-chave: Amílcar Cabral; Luta de Libertação Africana; solo; meteorização; cinema militante

Abstract

This article reads Amílcar Cabral's much under-studied early soil science as a body of work not dissociable from his project of liberation struggle against Portuguese colonialism in Guinea-Bissau and Cape Verde. Drawing on research situated within an artistic practice, the article explores the definitions of soil and erosion that Cabral developed as an agronomist, as well as his reports on colonial land exploitation and analysis of the trade economy, to unearth his double agency as a state soil scientist and as a 'seeder' of African liberation. Cabral understood agronomy not merely as a discipline combining geology, soil science, agriculture, biology and economics but as a means to gain materialist and situated knowledge about peoples' lived conditions under colonialism. The scientific data he generated during his work as an agronomist were critical to his theoretical arguments in which he denounced the injustices perpetrated on colonised land, and it later informed his warfare strategies. Cabral used his role as an agronomist for the Portuguese colonial government subversively to further anti-colonial struggle. I argue that the results of Cabral's agronomic work – his care for the soil and attention to its processes and transformations – not only informed the organization of the liberation struggle, but were crucial to the process of decolonisation, understood as a project of reclamation and national reconstruction in the postcolony.

Keywords: Amílcar Cabral; African Liberation Struggle; soil; meteorization; militant cinema

¹ Mediateca Onshore . Merz Akademie
<https://orcid.org/0009-0005-2000-5882>
fcesar@hfg-karlsruhe.de

*O nosso povo é as nossas montanhas*²

Amílcar Cabral

“Minerando” estratos históricos de há quase meio século, encontramos Amílcar Cabral na Universidade de Londres em 27 de outubro de 1971 a descrever o estado da luta armada que vinha liderando desde 1963 no país então conhecido como Guiné Portuguesa. Após oito anos de guerra anticolonial, dois terços do pequeno país da África Ocidental tinham sido libertados da ocupação portuguesa. No interior destas “zonas libertadas” espalhadas por áreas de floresta tropical, o PAIGC (Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde) criou escolas, hospitais, tribunais e armazéns do povo. Durante estes anos, Cabral circulou entre a sede do partido em Conacri, na vizinha República da Guiné, o mato da guerrilha dentro da Guiné-Bissau e a arena geopolítica internacional onde defendia e tentava propagar uma nova sociedade³. Na conferência de Londres em 1971 descreveu as condições da luta armada na Guiné-Bissau:

Estamos numa parte plana de África [...] Os manuais de guerra de guerrilhas em geral afirmam que um país tem de ter uma determinada dimensão para poder criar o que é chamado uma base e, além disso,

*que as montanhas são o melhor lugar para desenvolver a guerra de guerrilhas [...] Obviamente não temos essas condições na Guiné], mas isso não nos impediu de iniciar a nossa luta armada de libertação [...] Quanto às montanhas, decidimos que o nosso povo tinha que tomar o seu lugar, já que seria impossível desenvolver a nossa luta de outra maneira. Assim, o nosso povo é as nossas montanhas*⁴.

A metonímia de Cabral – montanhas = povo – refere-se em parte à morfologia plana que caracteriza a superfície deste terreno específico da África Ocidental, [terra plana de aluvião, 70% abaixo no nível do mar] bem como à falta de uma estrutura hierárquica no movimento anticolonial⁵. No entanto, também revela a íntima relação que Cabral mantinha com a matéria de que são formadas as montanhas, composta de solo e rocha. Enquanto para a guerrilha do Ché Guevara em Cuba as montanhas eram um recurso que garantia segurança aos locais onde podiam estabelecer as suas bases e consolidar o seu poder, Cabral “aplanar” essa estratégia para a adaptar às suas circunstâncias geopolíticas específicas⁶. Na Guiné, o PAIGC conseguiu unir o povo num movimento anticolonial organizado horizontalmente que priorizava a educação e a humildade como armas da

2 Amílcar Cabral, *Our people are our mountains: Amílcar Cabral on the Guinean revolution*, Committee for Freedom in Mozambique, Angola and Guinea, Londres, 1971, p. 11.

3 Agindo a partir de Conacri – capital da República da Guiné, o vizinho aliado do sul, já libertado do colonialismo francês em 1958 – o PAIGC estava a preparar o terreno para uma declaração da independência unilateral da Guiné-Bissau. O importante acontecimento teve lugar apenas dois anos depois, em setembro de 1973, embora Cabral não estivesse presente para testemunhar esta vitória. Foi assassinado em janeiro de 1973.

4 Cabral, *Our people are our mountains*, *op. cit.*, pp. 11-12.

5 As forças guerrilheiras do PAIGC que operavam dentro do país eram formadas principalmente por elementos do grupo étnico balanta, uma sociedade estruturada horizontalmente, sem reis, chefes ou hierarquia, e portanto sem patentes militares. Ver Amílcar Cabral, *P.A.I.G.C.: Unidade e luta*, Nova Aurora, Lisboa, 1974, p. 83.

6 “Combater em terreno favorável e particularmente nas montanhas apresenta muitas vantagens”. [‘Fighting on favorable ground and particularly in the mountains presents many advantages.’] Ver Ernesto “Che” Guevara, *Guerrilla warfare*, New Statesman, 1967, pp. 19-23.

luta militante; em que o trabalho camponês e o trabalho intelectual tinham igual valor, em lugar de estarem sujeitos a uma valorização hierárquica. As montanhas eram o povo tornado potente, a “multitude”⁷. Além disso, e menos metaforicamente, este modelo – olhar para as massas de militantes e ver a força estratégica potencial das montanhas – reflete a sua compreensão do mundo em termos “ecosóficos”, i.e., uma compreensão holística da ecologia⁸. Isso leva-nos a reconhecer a dimensão menos conhecida e muitas vezes negligenciada da prática de Cabral como agrônomo, e como a sua pesquisa sobre o solo e a erosão influenciou a sua formação política.

Este artigo faz uma leitura dos textos agronômicos de Cabral (1948 a 1960), publicados no livro *Estudos Agrários de Amílcar Cabral*, juntamente com os seus discursos e escritos políticos mais traduzidos e publicados⁹. O contexto desta leitura é um engajamento contínuo com o pensamento de Cabral que incluiu a elaboração de filmes,

o ativismo artístico através da digitalização de cinema militante da Guiné-Bissau, e o trabalho com cineastas guineenses como Sana na N’Hada e Flora Gomes, entre outros¹⁰. Comecei a escrever notas sobre os escritos agronômicos de Cabral em 2009 quando encontrei pela primeira vez o livro *Estudos Agrários de Amílcar Cabral* numa livraria em segunda mão em Lisboa, acontecimento que influenciou muitos dos meus filmes e instalações, especialmente o projeto *Luta ca caba inda* (A luta ainda não acabou), (2011-em curso).

No pensamento de Cabral a história geológica não está separada da história humana, o solo não é um “terreno” inerte e estático sujeito à agência humana, mas tem uma relação dinâmica com as estruturas sociais humanas, evidente nas suas diferentes respostas às formas de extrativismo colonial. Um exemplo desta inter-relação foi a seca devastadora que assolou Cabo Verde em 1941, que ceifou a vida de vinte mil pessoas, e foi testemunhada por Cabral aos dezassete

7 Aqui lembro o uso do termo *multitude* por Baruch Spinoza, mais tarde desenvolvido por Antonio Negri e Michael Hardt como um conceito de pessoas que ainda não estabeleceram um contrato social com um corpo político soberano, de tal modo que os indivíduos mantêm ainda a capacidade potencial de autodeterminação política. Ver Michael Hardt e Antonio Negri, *Multitude: War and democracy in the age of empire*, Londres, Penguin, 2005.

8 Ecosofia é um termo introduzido por Félix Guattari para definir “uma multi-filosofia que engloba práticas sociais e individuais com o objetivo de abrir a possibilidade de pensar as questões sociais, mentais e ambientais como ecologias mutuamente interligadas [...] Estamos aqui a falar sobre uma reconstrução das práticas sociais e individuais que classificarei em três rubricas complementares, todas elas sob a égide ético-estética de uma ecosofia: ecologia social, ecologia mental e ecologia ambiental”. Félix Guattari, *The three ecologies*, trad. de Ian Pindar e Paul Sutton, The Athlone Press, Londres, UK, & New Brunswick, New Jersey, 2000, p. 41.

9 Amílcar Cabral, *Estudos agrários de Amílcar Cabral*, Instituto de Investigação Científica Tropical & Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa, Lisboa & Bissau, 1988.

10 Antes de se tornarem cineastas de ficção, conhecidos pelos seus filmes de estreia *Mortu Nega* (Gomes, 1988) e *Xime* (N’Hada, 1994), Flora Gomes e Sana N’Hada, e os seus colegas Josefina Crato e José Bolama Cobumba, foram educados pelo PAIGC para se tornarem os pioneiros do cinema guineense. Uma extensa pesquisa sobre este período de cinema militante, 1967-1980, foi realizada recentemente com a digitalização dos arquivos do INCA (Instituto Nacional de Cinema e Audiovisual da Guiné Bissau) em 2012. Um dos filmes mais importantes recuperado com este processo foi o filme histórico coletivo *O regresso de Amílcar Cabral* (31 minutos, 1976). Para mais informações, ver Filipa César, Tobias Hering, Filipa Oliveira e Jeu de Paume (Eds.), *Filipa César: La lutte n’est pas finie* (exibido de 16 de outubro de 2012 a 20 de janeiro de 2013), Jeu de Paume, Paris, 2012, catálogo de exposição; Filipa César, Tobias Hering, Carolina Rito (Eds.), *Luta ca caba inda: time place matter voice*, 1967-2017, Archive Books, Berlim, 2017; Nuna Faria, Filipa César e Tobias Hering (Eds.), *The struggle is not over yet: an archive in relation*, Archive Books, Berlim, e CIAJG, Guimarães, 2015, e os filmes *Spell Reel* (César, 96 minutos, 2017), *Conakry* (Filipa César, Grada Kilomba, Diana McCarty, 10 minutos e 20 segundos, 2013), *Mined Soil* (César, 34 minutos, 2015) e *Cacheu* (César, 2012).

anos. Segundo a sua filha Iva Cabral, esta experiência influenciou a sua decisão de tornar-se agrónomo¹¹. Enquanto no século XX a geologia era maioritariamente entendida – pelo menos no Ocidente – como o cenário estático da ação humana, o trabalho académico recente de pensadores como Dipesh Chakrabarty reconheceu que para apreender plenamente o desenrolar da crise ambiental referida como a causa para definir uma nova época da Terra, o Antropoceno ou Capitaloceno¹², é necessário questionar e pôr em diálogo os conceitos de história natural e história humana¹³. Cabral foi presciente ao dizer: “Podemos mesmo afirmar, sem receio de contradição [...] que defender a Terra é o processo mais eficiente de defender a Humanidade¹⁴.”

A compreensão de Cabral do solo e a erosão não é dissociável do seu projeto de luta de libertação. Os seus relatórios sobre a exploração colonial da terra e a economia do comércio, juntamente com a sua pesquisa sobre solo e erosão, revelam a sua dupla agência como cientista dos solos do Estado e “semeador” da libertação africana. Entre 1949 e 1952, enquanto trabalhava como agrónomo para o regime colonial e simultaneamente participava na formação de um movimento anticolonial clandestino, Cabral escreveu “Em Defesa da Terra I-V”¹⁵. Este artigo

desenvolveu uma semântica militante da recuperação dos solos que fazia parte de um projeto de libertação

Cabral entendia a agronomia não apenas como uma disciplina que combinava geologia, ciência dos solos, agricultura, biologia e economia, mas como um meio de adquirir conhecimentos materialistas sobre as condições de vida do povo sob o colonialismo.

A operação de ler o “povo” como “montanhas” no contexto da extração, opressão e exploração colonial evidencia uma compreensão visionária da condição capitalocénica da superfície da Terra. Nos seus escritos agronómicos Cabral refere-se à edafologia – do grego ἔδαφος, *edaphos*, ou ‘solo, e λογία (*logia*) – como a ciência que trata da influência do solo nos seres vivos¹⁶. A lógica deste conceito – a partir do solo – e a reciprocidade que veicula estabelece as bases para os princípios a partir dos quais articulou a luta.

11 Em 1945 Amílcar Cabral recebeu uma bolsa de estudos para frequentar o Instituto Superior de Agronomia (ISA) da Universidade de Lisboa. Ver Iva Cabral, Apontamentos para uma biografia: Cronobiografia realizada por Iva Cabral, no âmbito do Projecto de Salvaguarda do Património Histórico da África Contemporânea (SPHAC), <http://www.fmsoares.pt/aeb/dossiers/dossier01/AmilcarCabral.pdf>, acessado em 2 de julho de 2018.

12 Capitaloceno é um termo cunhado por Jason W. Moore em *Anthropocene or Capitalocene? Nature, history, and the crisis of capitalism*, PM Press, Oakland, 2016, p. 6.

13 Dipesh Chakrabarty, Postcolonial studies and the challenge of climate change, *New Literary History*, 43(1), 2012, p. 13; e Dipesh Chakrabarty, The climate of history: Four theses, *Critical Inquiry*, 35(2), 2009, pp. 197-222.

14 Cabral, *Estudos agrários de Amílcar Cabral, op. cit.*, p. 63.

15 *Ibid.*, pp. 63-79, pp. 177-179.

16 Cabral, *Estudos agrários de Amílcar Cabral, op. cit.*, p. 89.

Conflito *Lithos-Atmos*

*O solo é um corpo natural, independente e histórico*¹⁷.

Vasily Dokuchaev

Na sua tese de licenciatura de 1949, “O problema da erosão do solo. Contribuição para o seu estudo na região de Cuba (Alentejo)”¹⁸, descreveu esta área economicamente pobre cuja terra estava a desertificar-se rapidamente durante a ditadura salazarista (1933-1974). Este trabalho de terreno permitiu-lhe desenvolver o seu interesse pelo solo e o fenómeno da sua erosão, particularmente a partir do trabalho no campo da ciência dos solos que emergiu desde meados do século dezanove através de figuras como Justus von Liebig, Ferdinand von Richthofen e especialmente Vasily Dokuchaev. No seu estudo agronómico da região do Alentejo utilizou a definição química de solo de Liebig como um laboratório para verificar as mais variadas reações químicas, a perspectiva geológica do solo de Richthofen como uma condição patológica da rocha, e a definição de solo de Dokuchaev como um corpo natural, independente e histórico¹⁹. Esta ciência emergente teve um impacto sobre o pensamento político materialista, especialmente em Marx, e mais tarde contribuiu para os argumentos anticolonialistas de Cabral que condenavam as práticas agrícolas e extrativas das potências coloniais.

Cabral salientou a importância de não definir o solo através do seu aspecto “estático-morfológico”, mas através das suas variáveis e do seu potencial relacional e dinâmico: “O ser de que se origina o solo é a rocha. Por ação de agentes naturais, esta é fragmentada e desintegrada, formando-se o que se denomina em Pedologia ‘material originário’. É a ‘meteorização’ da rocha”²⁰. Refere isto como uma “negação” relativa da rocha, em que agentes naturais destroem a sua estrutura e a negam, criando “material originário” – a matéria resultante da destruição da rocha antes de se tornar solo. Subsequentemente, uma segunda negação no processo de meteorização corresponde ao desenvolvimento do “corpo-solo” – que ele identifica como independente, natural e histórico. “Este equilíbrio é realizado através de contradições, geradoras de sucessivas transformações. Oxidações, reduções, carbonatação, dissolução, hidrólise, variações de volume, translocação de compostos, atividade micro-orgânica”²¹. Cabral elabora numa coevidade das forças “*lithos*” (pedra) e “*atmos*” (clima), uma zona de destruição e transformação entre elementos independentes e da qual a vida é possível. A partir disso, o solo pode ser entendido como “crosta de meteorização”²².

A definição de “meteorização da rocha” como a negação de uma para dar origem ao outro, revela uma procura dialética e materialista para redefinir o solo como uma zona de conflito. Cabral observa

17 Vasily Dokuchaev, citado em *ibid.*, p. 89.

18 Publicado pela primeira vez em Lisboa, Instituto Superior de Agronomia, 1951. Reeditado em *Estudos agrários de Amílcar Cabral, op. cit.*, 1988, pp. 81-148.

19 *Ibid.*

20 *Ibid.*, p. 91.

21 *Ibid.*

22 *Ibid.*

atentamente a utilidade de abraçar conflito e contradição (negação e destruição):

Há como que um antagonismo entre o clima e a rocha. Se se admitisse finalidade nos fenómenos naturais, poderia afirmar-se que essa oposição “obriga” a rocha a transformar-se “para subsistir”. [...] Nem a rocha desaparece completamente, nem cessa a ação dos fatores climáticos. O que se verifica é a sua integração em nova forma de existência de negação²³.

Esta observação – finalidade nos fenómenos naturais – pode ser lida como a vontade de admitir uma espécie de agência da rocha: a rocha/solo como portadora de uma prosa, uma narrativa, o substrato onde tudo é inscrito²⁴. Isto evoca o que Chakrabarty descreve como uma “força geofísica”; isso, escreve, “é o que em parte somos na nossa existência coletiva – nem sujeito nem objeto. Uma força é a capacidade de mover coisas. É agência pura, não ontológica²⁵. Cabral lê o solo, o corpo histórico, escutando os seus processos e depois estabelecendo um paralelismo com o que estava a acontecer no povo guineense (“as montanhas”). Como foi dito antes, a meteorização – o conflito entre *lithos* e *atmos* – envolve dois elementos numa relação de contradição. Esta pulsão geomântica, um canal para ler a terra – o seu futuro inscrito nos seus passados – dá acesso a uma

epistemologia da edafosfera (a camada do solo que sustenta e cria múltiplas formas de vida interligadas) que fala de como os elementos discretos do solo contêm informações valiosas para a luta de descolonização.

Ele sintetiza a definição de solo numa equação em que o solo é a soma de todas as propriedades e meteorizações num determinado período de tempo:

$$tS = \int [c(t), o(t), v(t), h(t), r(t), p(t), t, \dots] dt$$

S – propriedades do solo; c – clima; o – organismos; r – topografia; p – material originário; t – tempo; s – solo” v – vegetação; h – ser humano [dt – desenvolvimento no tempo]²⁶

Isto pode ser correlacionado com a seguinte equação: o palimpsesto do solo + inscrito ao longo do tempo = história.

Erosão Colonial

Plantar é a raiz da propriedade e da guerra²⁷.

Vilém Flusser

A situação crítica da agricultura portuguesa levou-o a estudar a edafosfera do Alentejo, com um foco específico na principal causa da sua crise – a

²³ *Ibid.*, p. 92.

²⁴ Eduardo Viveiros de Castro escreve sobre um “agente prosopomórfico capaz de afetar os assuntos humanos” [*Eduardo Viveiros de Castro writes about a “prosopomorphic agent capable of affecting human affairs”*]; Eduardo Viveiros de Castro, *Cannibal metaphysics*, Univocal Publishing, Minneapolis, 2014, p. 58. O termo “prosopomórfico”, uma forma com prosa, com agência, deriva do grego *prosopopoeia*, “a colocação de discursos na boca de outros” ou fazer falar ou agir uma pessoa ou coisa imaginária ou ausente.

²⁵ Chakrabarty, *Postcolonial studies and the challenge of climate change*, *op. cit.*, p. 13.

²⁶ Cabral, *Estudos agrícolas de Amílcar Cabral*, *op. cit.*, p. 94.

²⁷ [*Planting is the root of ownership and the waging of war.*] Vilém Flusser, “The gesture of planting”, in Flusser, *Gestures*, Nancy Ann Roth, trad., University of Minnesota Press, Minneapolis, Minnesota, 2014, p. 101.

erosão do solo²⁸. Analisou o continente colonial e interpretou a condição do esgotamento do seu solo como resultado da exploração da terra por Portugal noutros lugares:

O panorama geral alentejano reflecte nitidamente as influências do processo histórico da província [...] Das viagens marítimas de descoberta resulta a criação de um império que levou a negligenciar a agricultura nacional uma vez que as riquezas da Índia eram mais atrativas do que a incerteza de cultivar a própria terra²⁹.

$$E = f(c, r, v, s, h)$$

E – erosão, f – fatores, c – clima, r – topografia, v – vegetação, s – solo, h – humano³⁰

O solo é o corpo inscrito e a erosão é a cicatriz deixada pela violência histórica.

Embora no seu trabalho agronómico oficial as referências de Cabral a Justus von Liebig digam respeito unicamente a questões relativas à química da pedra (“o solo é um laboratório para observar reações químicas”), é provável que Cabral também tenha lido as posições políticas de Liebig sobre a discussão geoeconómica do solo³¹. Liebig foi importante para Marx na sua análise de solo e materialismo histórico, como salienta

John Bellamy Foster: “quando escreveu o *Capital* [nos anos 1860], Marx convencera-se da natureza contraditória e insustentável da agricultura capitalista”, devido principalmente a desenvolvimentos históricos como o esgotamento da fertilidade do solo através da perda de nutrientes e à mudança no próprio trabalho de Liebig para uma crítica ecológica da agricultura capitalista³². Marx sublinhou os impactos ecológicos destes desenvolvimentos:

“Todo progresso na agricultura capitalista é um progresso na arte de roubar, não só o trabalhador, mas de roubar o solo; todo progresso no aumento da fertilidade do solo por um determinado tempo é um progresso em direção à ruína das fontes mais duradouras dessa fertilidade”³³.

Em vez de estudar o solo africano colonizado (a sua principal preocupação), Cabral começou com as especificidades do terreno do opressor: a crise sistémica de Portugal e a sua inerente propensão para as soluções violentas.

Cabral publicou uma série de artigos agronómicos, incluindo “Em defesa da terra I-IV” em 1949-1952 e “Acerca da utilização da terra na África negra” em 1954.

Cabral explicou como o sistema agrícola itinerante é uma solução endémica para os problemas

28 O Portugal do Estado Novo (1933-1974) sofreu durante décadas uma crise agrícola a seguir à depressão mundial de 1929. Nos anos cinquenta, quando Cabral fez os seus estudos sobre o solo do Alentejo, a industrialização da agricultura era quase inexistente e as zonas rurais pobres de Portugal sofreram um êxodo para as colónias e outros países, sobretudo para a França.

29 Cabral, *Estudos agrários de Amílcar Cabral, op. cit.*, pp. 120-121.

30 *Ibid.*, p. 109.

31 *Ibid.*, p. 89.

32 John Bellamy Foster, “Marx’s theory of metabolic rift: Classical foundations for environmental sociology”, *American Journal of Sociology*, 105(2), 1999, p. 376.

33 Karl Marx, *Capital* [1867], vol. 1, Vintage, Nova Iorque, 1976, pp. 637-638.

impostos pelo ambiente negro-africano, e exacerbou a sua crítica das medidas agrícolas coloniais:

Em suma: o colonialismo introduz em África um novo sistema de produção, traduzido na économie de traite³⁴. Mantém, contudo, o sistema itinerante de cultura da terra. Ao sistema itinerante aplica ou tenta aplicar, sem atender à diferença das condições mesológicas [ecológicas], as práticas agrícolas europeias, porque está convencido da “superioridade” dessas práticas³⁵.

Cabral denunciou os efeitos de exploração da economia comercial extrativa. Baseou-se na descrição de Liebig da situação criada quando a agricultura empírica do comerciante se torna um sistema de espoliação, e as condições de reprodução do solo são minadas – “todo sistema de agricultura baseado na espoliação da terra conduz à pobreza”³⁶. Cabral reconheceu que a agricultura itinerante não permite certos desenvolvimentos culturais e infraestruturais devido à sua falta de raízes. No entanto, afirmou que:

A evolução das técnicas culturais africanas no sentido de servirem melhor o progresso dos povos afro-negros não pode ignorar que elas traduzem um conhecimento profundo do meio e das suas possibilidades [...] Do facto de não se ter atendido a essa necessidade vital resultaram

já verdadeiras catástrofes. Na base dessas encontra-se, de uma maneira geral, o complexo de factores introduzidos na vida do afro-negro por uma nova entidade – o colonialismo³⁷.

Como Bellamy Foster salienta, Marx estava inicialmente interessado nos desenvolvimentos pioneiros de Liebig no fertilizante artificial, embora mais tarde se tenha tornado cético sobre o seu valor a longo prazo: “Fertilidade não é uma qualidade tão natural como se possa pensar; está estreitamente ligada às relações sociais da época³⁸. Esta ênfase nas mudanças históricas na fertilidade do solo no sentido do melhoramento agrícola torna-se uma constante no pensamento posterior de Marx, ainda que eventualmente associada a uma compreensão de como a agricultura capitalista poderia minar as condições da fertilidade do solo, resultando em degradação do solo em vez de melhoramento. Bellamy Foster refere que:

É no seu trabalho posterior sobre economia política que Marx forneceu o seu tratamento sistemático de assuntos como a fertilidade do solo, a reciclagem orgânica e a sustentabilidade, em resposta às investigações do grande químico alemão Justus von Liebig – e no qual encontramos o maior quadro conceitual, enfatizando a “falha metabólica” entre a produção humana e a sua condição natural³⁹.

34 “*Économie de traite*” – economia comercial – significava todas as relações económicas associadas à comercialização de produtos agrícolas que os agricultores africanos ofereciam para venda com fins de exploração.

35 Nos anos cinquenta, o termo “mesologia” era utilizado no jargão científico para o que hoje é chamado “ecologia”. Cabral, *Estudos agrários de Amílcar Cabral*, op. cit., p. 248.

36 Justus von Liebig, *Letters on modern agriculture* (1859), citado por John Bellamy Foster em *Marx’s ecology: Materialism and nature*, Monthly Review Press, Nova Iorque, 2000, p. 153.

37 Cabral, *Estudos agrários de Amílcar Cabral*, op. cit., p. 248.

38 Foster, *Marx’s ecology: Materialism and nature*, op.

39 Bellamy Foster, “Marx’s theory of metabolic rift:”, op. cit., p. 370.

Cabral virou o espelho para a Europa, sugerindo uma solução para a crise agrícola europeia. Era, depois de tudo, em parte como consequência da crise agrícola (como abordada anteriormente de uma perspectiva eurocêntrica por Liebig e Marx) que as potências europeias aceleraram os seus projetos coloniais, um processo consolidado pela disputa por África na Conferência de Berlim de 1884-1885⁴⁰.

As determinantes económicas que, na Europa, haviam constituído uma das causas da era dos Descobrimentos levam o europeu a fixar-se em África. Do simples comércio de mercadorias, entre as quais o homem negro, o europeu passa à exploração da terra. Mas não tem, como o afro-negro, o objectivo de produzir o indispensável à alimentação. Cultiva ou faz com que o afro-negro cultive produtos de exportação. [...] Das contradições criadas resulta que, dia a dia, se acentua a devastação da terra africana [...] Com a vida desequilibrada, tendo a satisfazer não só a novas necessidades criadas mas também às exigências da sua nova condição social, [o africano] vai-se desenraizando a pouco e pouco, emigra ou tem de emigrar, abandona ou nem tem tempo de assimilar a sabedoria que ele

*próprio, com base no conhecimento empírico do meio e na experiência de séculos, havia criado.*⁴¹

Mais tarde, em 1969, já no meio da guerra de independência, num seminário com o bureau político do PAIGC, Cabral analisou diferentes modos de resistência (política, económica, cultural e militar). Um argumento que apresentou para a resistência económica foi a consciência da “nulidade” burocrática do valor do trabalho negro-africano através da manipulação de impostos, preços e salários: “Analisámos o cultivo do amendoim em profundidade e chegámos à conclusão de que é trabalho forçado”⁴². Este cálculo demonstrou a perpetuação de um sistema de trabalho de exploração que continuou na Guiné mesmo depois de a escravidão ter sido oficialmente abolida⁴³. Cabral trabalha com as ferramentas da ciência ocidental para diagnosticar as condições dos povos da Guiné-Bissau em relação à degradação do solo. Ao chamar a atenção para esta relação, antecipou a atual migração forçada de africanos como resultado da devastação histórica do solo.

40 Para maiores considerações sobre uma crítica contemporânea do eurocentrismo de Karl Marx, ver Gayatri Chakravorty Spivak, *A Critique of postcolonial reason: Toward a history of the vanishing present*, Harvard University Press, Boston, 1999. Numa tentativa ambiciosa de complicar a narrativa eurocêntrica do capital globalizado, Spivak passa a considerar os pontos cegos retóricos e geopolíticos na definição de Marx dos modos de produção capitalistas. Como Spivak sugere, as condições dos grupos sociais radicalmente desprovidos de poder na produção capitalista revelam uma crise nas capacidades cognitivas da teoria crítica e da política cultural ocidentais.

41 Cabral, *Estudos agrários de Amílcar Cabral*, op. cit., p. 248.

42 Amílcar Cabral, “Resistência económica”, em *Análise de alguns tipos de resistência*, Coleção de Leste a Oeste, 1969/1975, pp. 35-36.

43 A crítica de Cabral da exploração dos negros africanos e da sua terra concorda com a recente elaboração de Denise Ferreira da Silva sobre o valor negativo culturalmente imposto à negritude em toda a narrativa histórica de transparência do Ocidente. Da Silva propõe recalcular a “teoria do valor” de Marx para reconhecer que, “na imaginação ocidental moderna, a negritude não tem valor; não é nada”. [*in the modern Western imagination, Blackness has no value; it is nothing*]. Esta mudança, que substitui a negatividade da negritude (-1) pela nulidade (0) como o seu valor operacional, não só denuncia o aspeto racializado do sistema capitalista, destacando o seu viés em relação aos assuntos negros, mas também perturba qualquer tentativa de calcular o valor da negritude. Denise Ferreira da Silva, “1(vida) ÷ 0 (negritude) = × - × ou × / ×: On matter beyond the equation of value”, *e-flux Journal*, 79, fevereiro de 2017, pp. 9-10.

Dupla Agência Clandestina

Arranjámos contrato como agrónomo e fomos para Angola e aproveitámos para reunir camaradas, para discutir com eles o novo caminho que devíamos seguir todos na luta pela nossas terras. Debaixo do controle da PIDE, camaradas⁴⁴.

Amílcar Cabral

A dupla agência subversiva de Cabral torna-se evidente quando se avalia o seu papel como ativista político a par de sua atividade como agrónomo entre 1948 e 1960. Embora servir o Estado português possa ser entendido como uma submissão ao poder colonial, a “submissão” de Cabral – uma missão sob a sua nomeação oficial – era subversiva. A sua passagem do desprezo codificado para a crítica aberta do sistema agrícola colonial manifestou-se em artigos como “Acerca da Utilização da Terra na África Negra”, o que tornou difícil as ações de Cabral na Guiné Portuguesa.

Um primeiro exemplo desta abordagem subversiva militante remonta a 1948, quando Cabral acabava de integrar a CEI (Casa dos Estudantes do Império, 1944-1965) em Lisboa. Esta instituição académica tinha sido criada pelo Ministério do Ultramar para promover um sentido de “portugalidade” global entre os estudantes das colónias. Aqui conviveu com Eduardo Mondlane (que se tornou o primeiro

presidente da FRELIMO – Frente de Libertação de Moçambique); Mário Pinto de Andrade (co-fundador do MPLA, Movimento Popular para a Libertação de Angola, e companheiro da cineasta pioneira Sarah Maldoror); Agostinho Neto (co-fundador do MPLA), e muitos outros futuros líderes anticoloniais. Os estudantes subverteram rapidamente a agenda oficial desta instituição, que se tornou um “ponto quente” para jovens intelectuais desenvolverem um discurso crítico sobre a política colonial e, mais tarde, prepararem-se para a luta armada.

A CEI publicou numerosos opúsculos de poesia e editou uma revista chamada *Mensagem*, centrada na poesia lusófona não europeia. A poesia funcionava como um disfarce “cultural” que permitia a estes jovens intelectuais discutirem a opressão dos povos africanos e asiáticos. Tecnicamente, a polícia política portuguesa (PIDE), nas várias rusgas que fez à CEI e nos relatórios de vigilância das atividades culturais dos estudantes, tinha dificuldade em descodificar as reflexões poéticas de uma organização política inconspícua que estava latente dentro da academia colonial⁴⁵.

Depois de terminar o trabalho de campo na Guiné Portuguesa, Cabral continuou a trabalhar como agrónomo do Estado, centrando-se agora nas condições fitossanitárias do armazenamento de alimentos nos armazéns dos principais portos de Angola⁴⁶, Cabo Verde e Lisboa⁴⁷. Esta investigação

44 Cabral, “Resistência política”, em *Análise de alguns tipos de resistência*, op. cit., p. 26.

45 Para mais informação, ver Patrícia Leal, House of the students of the empire: “An unexpected antechamber of the African liberation movements”, em *The struggle is not over yet*, op. cit., pp. 87-114, e Manuela Ribeiro Sanches, “(Black) Cosmopolitanism, transnational consciousness and dreams of liberation”, in Mark Nash (Ed.), *Red Africa: Affective communities and the cold war*, Black Dog, Londres, 2016, pp. 69-79.

46 Amílcar Cabral, “O problema do estudo macro e microclimático dos ambientes relacionados com os produtos armazenados”, 1956, pp. 269-273; “O estudo do microclima de um armazém em Malanje (Angola)”, 1956, pp. 275-290; “Sobre a acuidade do problema do armazenamento no Arquipélago de Cabo Verde” (Conferência Internacional dos Africanistas Ocidentais), 1956, pp. 445-513. Os três ensaios encontram-se publicados em *Estudos agrários de Amílcar Cabral*, op. cit.

47 Amílcar Cabral, “Condições fitossanitárias de produtos ultramarinos em armazéns do porto de Lisboa”, em *Estudos agrários de Amílcar Cabral*, op. cit., pp. 703-778.

permitiu-lhe circular livremente entre as colónias e a “metrópole” e obter dados estratégicos sobre a dependência económica de Portugal dos produtos ultramarinos e da economia comercial colonial – informações que transmitiu aos diversos partidos anticoloniais recém-fundados em Angola e Moçambique⁴⁸. Em 1955, Cabral fundou o MING (Movimento para a Independência Nacional da Guiné) e transferiu o seu trabalho agronómico para Angola, Cabo Verde e Lisboa. Depois, em 1956, foi cofundador do MPLA em Angola, do PAI (Partido Africano da Independência, que mais tarde se tornou PAIGC) na Guiné, e em Lisboa o MLPCP (Movimento pela Libertação dos Povos das Colónias Portuguesas) e o MAC (Movimento Anti-Colonialista)⁴⁹. Esta elite instruída dos colonizados preparou-se em silêncio para a revolução utilizando subversivamente as oportunidades oferecidas pelo colonizador,

virando as suas ferramentas – agronomia, ciência, poesia e instituições académicas – contra o seu poder.

Em agosto de 1959, marinheiros e estivadores fizeram uma greve por melhores condições de trabalho no porto de Pidjiguiti (porto principal) em Bissau, resultando num massacre que deixou cinquenta mortos e centenas de feridos. Isto pôs termo a todas as tentativas do PAIGC de negociações pacíficas para acabar com a ocupação colonial portuguesa. Meio ano depois, em janeiro de 1960, Cabral abandonou o seu emprego de agrónomo e passou à clandestinidade, deixando Portugal para sempre para se tornar estratega político e teórico do movimento de libertação a tempo inteiro⁵⁰. Na primavera seguinte, em junho de 1961, centenas de estudantes das colónias africanas fugiram secretamente de Portugal para escapar ao recrutamento obrigatório para o exército colonial, a fim de combater no outro lado

48 A partir de 1957, Cabral intensificou as suas ações em ambos os campos e vê-se claramente como não apenas estrategicamente, mas também em termos de conteúdo, ambas agências estavam interligadas: em 1957 teve um encontro em Paris, onde consultou e estudou o desenvolvimento da luta contra o colonialismo português; em 1958 assistiu à primeira Conferência dos Povos Africanos em Accra como observador e ao XXIV Congresso Luso-Espanhol sobre o Progresso das Ciências em Madrid. Em dezembro presidiu uma reunião alargada do PAI, em Bissau, em que decidiu a reorganização do partido e elaborou um plano de ação que tinha como prioridade mobilizar as pessoas do campo. Em 1959, durante uma breve estada em Bissau, presidiu uma reunião para a fusão de outros movimentos anticolonialistas com o PAI que deu origem a um único partido unificado – o PAIGC. E em Dacar fundou o Movimento de Libertação de Guiné e Cabo Verde (MLGCV), com ligações ao PAIGC.

49 Pode-se dizer que o jovem Cabral e os seus pares estavam envolvidos numa espécie de uso subversivo e sub-reptício da instituição académica que prefigura a metodologia mais tarde articulada por Fred Moten e Stefano Harney como os “*Undercommons*”, uma prática que mina o edifício académico neoliberal através de atividades clandestinas que ultrapassam as limitações e desejos impostos pela agenda capitalista: “*The university needs what she bears but cannot bear what she brings. And on top of all that, she disappears. She disappears into the underground, the downlow lowdown maroon community of the university, into the undercommons of enlightenment, where the work gets done, where the work gets subverted, where the revolution is still black, still strong.*” [“A universidade precisa do que ela sustenta, mas não pode sustentar o que ela traz. E além de isso tudo, ela desaparece. Desaparece na clandestinidade, na comunidade marrom *underground* da universidade, nos *undercommons* do esclarecimento, onde o trabalho é feito, onde o trabalho é subvertido, onde a revolução ainda é negra, ainda forte”]. Stefano Harney and Fred Moten, *The undercommons: Fugitive planning & black study*, Minor Compositions, Wivenhoe, Nova Iorque, Port Watson, 2013, p. 26.

50 O antigo colega de Cabral, o agrónomo português Ário Lobo de Azevedo, declarou: “Em fins de 1959, segundo creio, não consigo precisar a data, discutia com Amílcar Cabral a preparação de uma nova tarefa a realizar em Angola. O Amílcar tinha dificuldades em se comprometer. E foi então que me informou que se afastava da equipa; por circunstâncias várias, a sua vida ia mudar de rumo. [...] Teria Amílcar Cabral perfeita consciência da opção que estava a fazer quando abandonou o grupo de agrónomos com o qual colaborava? Creio bem que sim. Quanto a mim, relembro esse dia, digo que a Agronomia e eu ficámos mais pobres mas que o mundo ficou muito mais rico”; in “A propósito de dimensão humana de Amílcar Cabral”, *Estudos agrários de Amílcar Cabral, op. cit.*, p. 13.

da mesma guerra. A CEI funcionou como o principal centro organizacional da operação de fuga. A data 23 de janeiro de 1963 marcou o início da luta armada na Guiné com o ataque de militantes da guerrilha do PAIGC à base militar portuguesa de Tite, no sul do país.

Semântica da Recuperação do Solo

Como mencionado acima, o primeiro emprego de Cabral na Guiné Portuguesa foi o de diretor da Granja Estatal de Pessubé em 1952, que ele transformou rapidamente numa granja experimental⁵¹. O centro de pesquisa agrícola era uma tentativa de pôr em prática a sua visão para o desenvolvimento da Guiné após a independência. Como resume Schwarz, Cabral estabeleceu três vertentes principais para o seu programa em Pessubé:

- a primeira foi a de transformar a Granja de mera unidade de produção de legumes destinados às autoridades políticas e administrativas da praça [cidade] e um local de piqueniques e passeios recreativos, num centro de pesquisa agrícola, enquanto instrumento para melhorar e modernizar a produção dos agricultores;
- a segunda foi a de romper os muros internos em que se confinavam os serviços

agrícolas, para os aproximar dos agricultores, que deviam ser os seus principais beneficiários;

- a terceira foi a da interação da agricultura guineense com as dos países vizinhos da sub-região⁵².

O projeto de granja experimental destinava-se a mudar as práticas agrícolas, com o objetivo de emancipar as pessoas e recuperar a terra. As operações intrínsecas do centro de pesquisa agrícola, enraizadas no lema “experimentação-divulgação”, já mostram traços do que mais tarde se tornou a “teoria da cultura” de Cabral⁵³. Cabral desenvolveu a sua teoria revolucionária após emergir do período anterior de dupla agência quando, sob o pseudónimo de Abel Djassi, liderou o nascente movimento anticolonial enquanto ainda trabalhava como agrónomo para o regime português. Com o lançamento da luta armada ingressou na cena mundial como líder do PAIGC e teórico da resistência anticolonial. Os seus discursos – à população em geral, nas Nações Unidas e aos guerrilheiros e professores – articulam uma ecologia da libertação marcada pela descolonização da própria linguagem. Como explicou na Universidade de Syracuse, “não é possível harmonizar a dominação económica e política de um povo, seja qual for o seu grau de desenvolvimento social, com a preservação da sua personalidade cultural. Afirmou que “a chamada teoria da assimilação progressiva

51 Cabral, *Estudos agrários de Amílcar Cabral*, op. cit., pp. 181-206.

52 Schwarz, *Um agrónomo antes da sua época*, op. cit.

53 *Ibid.*

54 Amílcar Cabral, *National liberation and culture* (texto originalmente apresentado em 20 de fevereiro de 1970 como parte de *The Eduardo Mondlane Memorial Lecture Series* na Universidade de Syracuse, Syracuse, Nova Iorque, sob os auspícios de *The Programme of Eastern African Studies*, trad. de Maureen Webster, <http://www.historyisaweapon.com/defcon1/cabralnlac.html>, acessado em 22 de janeiro de 2018.

das populações nativas” não é mais do que uma tentativa violenta “de negar a cultura do povo em questão⁵⁴. Para Cabral, a libertação do povo africano precisava de um ato de emancipação cultural a nível das bases.

Os três princípios da granja experimental de Pessubé podem ser extrapolados para o programa agrícola que ele concebia para uma teoria da cultura para a Guiné: produção não elitista; inexistência de muros na governação ao serviço das pessoas, e finalmente o encorajamento – através do crioulo e do cinema – do intercâmbio de conhecimentos da interação entre os diferentes grupos étnicos da região.

Muitos dos discursos políticos de Cabral aos guerrilheiros e camponeses, feitos no contexto da luta armada, insistiam na renomeação e redefinição de palavras, geografias e conceitos como um processo descolonizador de consciencialização sobre sistemas de poder, uma operação semântica que aumentou a eficácia estratégica da guerra. Por exemplo: “Na Guiné, a terra é cortada por braços de mar, que nós chamamos rios, mas no fundo não são rios [...] porque até chegarmos a terra seca, é só água salgada⁵⁵. A morfologia da Guiné é um aluvião sem montanhas, com setenta por cento do seu solo abaixo do nível do mar. Estes “braços de mar” não possuem um termo no léxico colonial. A consciência desta falta indica algo de errado na epistemologia colonial – só se vê o que já se sabe. A inadequação da língua portuguesa à geografia da Guiné-Bissau é prova da ilegitimidade da

sua ocupação. Esta condição das marés também sugere a vulnerabilidade de uma terra permeável gravada por séculos de invasão. Outro exemplo é uso por Cabral da frase “movimento centrífugo”.

adotámos uma estratégia que se poderia chamar centrífuga: partir do centro para a periferia do nosso país. E este facto provocou uma grande surpresa nos portugueses, que juntaram as suas tropas na fronteira da Guiné e do Senegal, pensando que nós íamos invadir o nosso país, vindos do exterior⁵⁶.

As forças coloniais julgaram mal de onde os rebeldes ou “terroristas” (como eram chamados os militantes do movimento de Cabral na propaganda do Estado Novo) iriam atacar, e que táticas adotariam. A luta de libertação da Guiné-Bissau começou assim no centro do território, porque era uma luta do povo, e depois deslocou-se de forma centrífuga, aproveitando o seu conhecimento do terreno. Este movimento centrífugo é uma variação dilatadora do movimento cíclico cósmico, aqui uma força imensa, contida no duplo significado da palavra “revolução”, para o qual Hanna Arendt chama a atenção em relação à Revolução Francesa: “o movimento ainda é visto através da imagem dos movimentos das estrelas, mas o que é enfatizado agora é que está além do poder humano detê-lo⁵⁷.”

Em 1966, durante a primeira Conferência Tricontinental em Havana, Cabral apresentou o seu artigo “A Arma da Teoria”. Um ano depois, como parte de um acordo com Fidel Castro, Cabral

55 Cabral, P.A.I.G.C. *Unidade e Luta*, op. cit., p. 108.

56 Cabral, *Revolution in Guinea*, op. cit., p. 10.

57 Hanna Arendt, *Da revolução* (F.D. Vieira, Trad.), São Paulo: Ática; Brasília: Unb, 1988, p. 38.

enviou jovens guineenses a Cuba para serem formados em medicina, guerra e cinema. Quatro deles – Sana na N’Hada, Flora Gomes, Josefina Crato e José Bolama Cobumba – foram para o ICAIC (Instituto Cubano del Arte e Industria Cinematográficos) para aprender cinema sob a orientação de Santiago Álvarez. Mas primeiro, aprenderam espanhol e a prática do trabalho voluntário: trabalho que não é necessariamente rentável, mas ensina uma experiência do comum e é, nas palavras de Sana na N’Hada, uma prática para aprender “humildade”⁵⁸. Humilde deriva de húmus, ser humilde é estar ao lado do húmus, estar ligado à terra, ficar perto do solo. Este trabalho voluntário (e a sua inerente humildade) influenciou a produção cinematográfica guineense como prática cinemática ancorada na realidade, ao serviço de um processo popular revolucionário. Em 1972, os cineastas guineenses regressaram de Cuba para começar a documentar a guerra de libertação em curso contra Portugal e, após a declaração unilateral de independência, construir a capacidade de fazer imagens em movimento em e de uma nação independente⁵⁹.

Cabral não chegou a ver o cinema que imaginava, porque foi assassinado em 20 de janeiro de 1973. No entanto, foram dois dos cineastas que Cabral enviara para formação em Cuba, Sana na N’Hada e Flora Gomes, que produziram o documento

cinematográfico do evento em que Cabral estava empenhado: a declaração unilateral da independência da Guiné-Bissau em 24 de setembro de 1973. Nas colinas de Boé, a única área elevada deste país plano e pantanoso, os líderes do PAIGC reuniram os seus militantes para a primeira Assembleia Nacional Popular⁶⁰. Um ritual burocrático no meio da floresta declarou a República da Guiné-Bissau independente de Portugal.

Numa entrevista em 2014, Sana na N’Hada explicou o programa de cinema do Instituto Nacional de Cinema da Guiné para o país recém-libertado:

Como funcionaria o cinema de forma legal? Estávamos a filmar há cinco ou seis anos quando fundámos o Instituto de Cinema. Agora, o que se devia fazer? Então criámos o “Programa de Promoção Rural por Meios Audiovisuais”, que significava que, com o cinema – juntamente com o crioulo – poderíamos fazer com que as pessoas de lá entendessem as pessoas de cá. Contribuiríamos para imaginar um espaço nacional⁶¹.

O crioulo é uma língua derivada de uma apropriação do léxico português e da assimilação de línguas orais e étnicas (especialmente da sintaxe mandinga), e era a língua que Cabral utilizava para comunicar com diferentes grupos étnicos no

58 Sana na N’Hada em *Spell Reel* (Filipa César, 2017).

59 Sobre o nascimento do cinema guineense como parte da visão descolonizadora de Cabral, ver o projeto de Filipa César em colaboração com Sana na N’Hada, Flora Gomes e outros: *Luta ca caba inda*. Este teve início como um projeto de digitalização do que restou do cinema guineense militante e assume a forma de projeções discursivas, cinema móvel, encontros e debates, escritos, passeios, produções cinematográficas e publicações. Ver *Luta ca caba inda: time place matter voice*, op. cit.

60 Em 24 de setembro de 1973, o PAIGC declara a sua independência unilateral no mato de Boé. Em menos de um mês, cerca de oitenta países em todo o mundo reconheceram a independência da Guiné-Bissau, apesar do conflito armado existente com o Portugal colonial. Só a Revolução dos Cravos em Portugal em abril de 1974 acaba finalmente com a ocupação portuguesa na Guiné.

61 Sana na N’Hada em *Spell Reel* (Filipa César, 2017).

decorrer da luta armada de onze anos. Um aspeto poético particular do crioulo guineense, também visível na teorização da revolução de Cabral, é o seu carácter metonímico; por exemplo, *pekadur* (do ptg. pecador) significa “ser humano” – uma característica humana específica torna-se o nome do todo. O crioulo reproduz a inscrição da resistência a 500 anos de encontro colonial⁶².

O cinema militante e o crioulo foram a codificação da luta no solo e na emulsão do celuloide, uma desprogramação do sistema colonial e a recuperação epistemológica do solo. A “compostagem” dos restos de celuloide – por exemplo das bobinas profundamente erodidas do filme nunca acabado *Guiné-Bissau: 6 anos depois* (Gomes, N’Hada, Crato, Cobumba; filme inacabado, 1979-1980), que retratava várias práticas agrícolas autóctones – pode ser vista como a meteorização da matéria análoga aos processos de erosão neocolonial, mas também como o húmus para fertilizar uma alfabetização do solo necessária para futuros gestos de descolonização.

No seu discurso em Havana em 1966, Cabral afirmou: “Observamos, contudo, que um tipo de luta, quanto a nós fundamental, não está mencionado expressamente nessa Agenda [...] Queremos referir-nos à *luta contra as nossas fraquezas*”⁶³. Uma dessas fraquezas era certamente o uso de um modelo nacional baseado num paradigma colonial, cuja fragilidade se tornou evidente na descida para o neoliberalismo e a continuação

neocolonial das hierarquias patriarcais após a independência. A minha leitura dos escritos científicos, económicos e políticos de Cabral propõe entender “meteorização” como uma ferramenta operacional numa luta permanente que é o único estado possível de libertação. Cabral não defendia um futuro pós-colonial utópico livre de opressão ao qual se seguiria a regeneração, mas estava a preparar os militantes, a linguagem e o solo para um devir permanente, que mesmo assim pudesse enfrentar as ameaças ao ambiente, antecipando o que tem sido chamado época “capitalocénica” da Terra. A situação atual na Guiné-Bissau é de aquisição neoliberal do território por multinacionais, atualizando modelos extrativistas históricos para novos sistemas corporativo-colonialistas globais, tornando novamente as complexas ecologias de aluvião como uma *terra nullius* contemporânea⁶⁴. “O nosso povo são as montanhas” é/ exprime uma mentalidade anti-extrativista, uma ativação animista do solo, uma convocação de vários conhecimentos e uma negação da colonialidade. Uma reclamação e recuperação do solo. As inscrições sobre e no palimpsesto do solo contam narrativas tanto da miséria como da potência libertadora do seu húmus.

62 Para mais informação sobre o crioulo guineense, ver Teresa Montenegro, *Kriol Ten: Termos e expressões* [2002], Ku Si Mon, Bissau, 2007; e Alain Kihm, *Kriyol Syntax: The Portuguese-based creole language of Guinea-Bissau*, John Benjamins, Amsterdam & Philadelphia, 1994.

63 Amílcar Cabral, ‘The Weapon of theory’, op. cit., p 74.]

64 Um exemplo disso seriam os planos da Guiné-Bissau de criar uma Zona Franca na ilha de Bolama, no Golfo da Guiné: <https://www.zonafrancabolama.com/en/>, acedido em 1 de maio de 2018.